



RESENHAS

**SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA  
E EXPERIÊNCIA DO TEMPO**

*Luiz Augusto de Paula Souza (Tuto)\**

*A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*

Peter Pál Pelbart

São Paulo, Iluminuras, 2000

(Edição apoiada pela Fapesp)

A clínica (qualquer que seja) releva de uma condição ética, pois se pauta por posições e atitudes relacionadas à tentativa de compreender e lidar com o sofrimento; o qual – no caso da fonoaudiologia – singulariza e temporaliza os transtornos de linguagem no seio de uma rede de conexões socioafetivas. No

---

\* Fonoaudiólogo, mestre em Fonoaudiologia e doutor em Psicologia pela PUC-SP, professor associado da Faculdade de Fonoaudiologia e do PEPG em Fonoaudiologia da PUC-SP.

âmbito de experiências e modos de afetar e ser afetado pelo outro, são produzidos contornos psíquicos, lingüísticos e (também) orgânicos, que delineiam demandas clínicas aos fonoaudiólogos.

Percepções desse tipo fizeram com que, já há alguns anos, a fonoaudiologia fosse estreitando laços com perspectivas teóricas e metodológicas – de vários campos e disciplinas – voltadas ao estudo da subjetividade, sobretudo em suas articulações com a linguagem e com o corpo. Isto porque, entre outros fatores, tratar os transtornos da fala, da voz, da audição... impõe a necessidade de uma escuta clínica disposta aos signos que estejam em jogo no processo terapêutico, tenham eles emergido – a partir de circunstâncias e contextos específicos – em falas, em calas ou em outras expressões e gestos corporais. Vale dizer que tais signos respondem aos modos pelos quais os perfis subjetivos são construídos nas malhas da cultura contemporânea, ou seja, no funcionamento do *socius*, em particular em suas dinâmicas micropolíticas.

Ao assumir também esta face – digamos assim, intersemiótica do trabalho clínico/terapêutico da área – a fonoaudiologia vai intensificando e pluralizando as interpelações e diálogos com perspectivas e saberes de outras áreas, e criando proposições teóricas e metodológicas inter e transdisciplinares, responsáveis por certas transformações e novas formas de intervenção clínica.

O livro que apresento e cuja leitura sugiro é ferramenta útil para quem se dedica ao estudo de interfaces entre subjetividade, clínica e linguagem, não porque aborde específica ou exclusivamente esta temática, mas porque é composto de uma variada gama de ensaios acerca da subjetividade, suas vicissitudes e potencialidades na experiência do capitalismo tardio ou pós-moderno (como preferem alguns).

Trata-se de um livro sobre políticas da subjetividade contemporânea e sobre as geografias dos tempos que elas engendram e plasmam; tempos que reportam à intensidade das formas pelas quais nos dispomos ao intempestivo do encontro com o outro (humano ou não). A cartografia que Peter nos oferece – nada ortodoxa, diga-se de passagem – é recheada de indícios e marcas intensivas da aventura subjetiva contemporânea, incitada principalmente por dois efeitos das

investidas do capitalismo sobre a subjetividade, que são, até certo ponto, paradoxais, pois funcionam também como antídotos à violência motoniveladora perpetrada pelo capitalismo. O autor os chama de “efeitos bumerangue”:

Primeiramente (...), hoje em dia, ao lado das lutas tradicionais contra a dominação (de um povo sobre outro, por exemplo) e contra a exploração (de uma classe sobre outra, por exemplo), é a luta contra as formas de assujeitamento, isto é, de submissão da subjetividade que prevalece cada vez mais. (...) O segundo efeito bumerangue, estreitamente ligado a esse, é o seguinte: se a violência do capitalismo em sua ânsia de moldar de cabo a rabo a subjetividade se revelou ultimamente de modo tão obscuro e escancarado, ao menos tem isso, a vantagem de nos desfazer do mito de uma subjetividade dada. Podemos então, por fim, compreendê-la como plenamente fabricada, produzida, moldada, modulada – e também, por que não, a partir daí, automodulável. (p. 12)

No esteio desses efeitos, os ensaios que compõem o livro percorrem territórios muito distintos, mas ao mesmo tempo muito próximos, uma vez que atravessados e, num certo sentido, arrançados de enfiada pela axiomática capitalista. Eles (os ensaios) colocam e solucionam questões filosóficas, estéticas, clínicas..., dissecando muitos dos aspectos da subjetividade contemporânea dominante e propondo alternativas aos seus percalços, com agudo alcance crítico, tanto mais suave e sutil quanto mais avança em direção às vísceras da lógica capitalista e à análise da captura e do controle que ela geralmente opera sobre a subjetividade.

A investida massiva do capitalismo sobre a subjetividade, segundo o autor, a faz girar em círculos, numa corrida louca (em função da velocidade frenética conferida pelas tecnologias da informação e da comunicação) para não sair do lugar. Tal corrida restringe-se a um movimento concêntrico e a um espaço sem exterior que, por exemplo, nos é imposto por sonhos, projetos e desejos de vitrine (virtualidades estéreis) e pelo consumo desenfreado e compulsivo como critério e medida de qualidade da vida.

Em face dessa clausura, as reações mais frequentes são niilistas ou restauradoras de arcaísmos (religiosos, políticos, etc.), ou ainda idealistas (ingênuas ou não). Peter as recusa todas, desnudando nelas mecanismos de realimentação da-

quilo mesmo que tentam combater. A alternativa oferecida é – ao mesmo tempo – mais modesta e muitíssimo mais pretensiosa, como bem diz Jeanne Marie Gagnebin (na orelha do livro):

Ousa apontar não para “soluções positivas”, mas para “linhas de fuga”, isto é, estratégias – algumas vezes frágeis, mínimas, desesperadas, outras vezes exultantes ou barrocas – de insubordinação, de resistência, de criação (...) Não se busca, então, como em obras mais clássicas da filosofia, persuadir o leitor, mas sim convidá-lo a acompanhar essas trajetórias e, quem sabe, a inventar outros exercícios de liberdade.

Em última análise, trata-se mesmo de exercícios de liberdade, e esta talvez seja a maior e mais contundente utilidade do livro. No caso das disciplinas clínicas (entre as quais a fonoaudiologia), exercitar a liberdade não seria o sentido mais vital a ser cunhado e desdobrado pelos métodos e técnicas terapêuticas na lida com o sofrimento?